



# FECHAMENTO DA CASA DO ÍNDIO: OUTRO ATO ARBITRÁRIO DA FUNAI

*Edgard de Carvalho\**

**E**MBORA só conheça os objetivos da Casa do Índio, de Goiânia, pelo noticiário veiculado pela grande imprensa e por discussões nas entidades de apoio à causa indígena de que participo, considero o seu fechamento mais um ato arbitrário que a Fundação Nacional do Índio comete contra as etnias indígenas.

Sabe-se que um dos objetivos da Casa do Índio, de Goiânia é o de evitar que índios que se encontrem em trânsito nas grandes cidades, por motivos de saúde ou outros, sofram os efeitos traumáticos que o contexto urbano provoca. Por outro lado, índios que realizam estudos, que em nível médio ou superior, podem encontrar nessa modalidade de instituição, um tipo de "área neutra" em que possam discutir e mesmo avaliar os resultados obtidos no processo de educação formal, indispensável para uma compreensão mais ampla das instituições que moldam a sociedade nacional e que hoje se revela indispensável para uma compreensão mais ampla das instituições que moldam a sociedade nacional e que hoje se revela indispensável para a defesa dos direitos da cidadania indígena, para sua autodeterminação e para o estabelecimento de um diálogo mais igualitário com a sociedade envolvente. Pior que isso, a desativação da Casa do Índio foi realizada de forma totalmente autoritária sem que se desse ouvidos às reivindicações e anseios das etnias indígenas.

A Funai deveria estar atenta ao compromisso assumido com o Encontro Nacional dos Povos Indígenas, realizado este ano em Brasília em que assumiu perante representantes

de todos os índios brasileiros um compromisso histórico de zelar pela preservação efetiva da diversidade cultural em nosso país.

## ILHA DO BANANAL

A propósito do eventual tombamento da Ilha do Bananal pela Unesco, a exemplo do que já foi realizado em Ouro Preto, no sentido da preservação histórica do patrimônio, tenho a dizer que sou totalmente contrário à idéia.

É costume dizer-se que o Brasil é um país sem memória e iniciativas como a de Ouro Preto devem, sem dúvida, ser multiplicadas, para que as gerações futuras possam melhor avaliar o sentido de nossa história. Na Ilha do Bananal, trata-se de preservar a etnia Karajá e esse papel cabe prioritariamente ao Estado brasileiro, através do órgão tutelar que é a Funai. Como se sabe, os Karajás já apresentam indícios de uma grande descaracterização cultural, evidente, por exemplo, em suas manifestações artísticas, amplamente comercializadas pela sociedade nacional.

A preservação étnica Karajá não deve ser vista como vitrine de uma tradição, por muitos considerada inerte, mas deve ser o exemplo para todos nós que os povos indígenas, mesmo quando considerados "integrados", ainda podem nos fornecer o exemplo histórico de um outro tipo de sociedade, talvez mais igualitária.

\* Edgard de Assis Carvalho é antropólogo e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Quando a Casa do Índio foi desativada, no início do mês, ministrava, na Universidade Católica de Goiás, a disciplina "Abordagem das Teorias nas Ciências Sociais", dentro do curso de Ciências Políticas e Jurídicas, oferecido pela UCG a nível de pós-graduação "latu sensu". Além das atividades didáticas, ele desenvolve um trabalho de pesquisa junto às populações indígenas do Sul do País.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Popular*

Data: *24/10/82*

Class.: *159*

Pg.: *159*